

Capítulo 1

Onde está ele?

Aelanna Thelasyll caminhava agitada ao longo da praia, os olhos percorrendo o azul que se estendia à sua frente. Mas não via nada; nada senão as ondas coroadas de branco, nada senão as aves marinhas que flutuavam no vento, nada senão a forma sombria do continente à distância.

Onde está ele?!

Aproximou-se ainda mais da água e o movimento das ondas escureceu o tecido leve do vestido amarelo-claro. Caminhou mar adentro, sem tirar os olhos da superfície das águas, esperando ver uma cabeça, um braço, qualquer coisa.

– Kels!

Abanou a cabeça. Se ele estivesse debaixo de água, não a ouviria, claro. Apesar disso, não se conseguiu impedir de gritar mais uma vez por ele.

Imobilizou-se. A água chegava-lhe à cintura. Sentia a areia a deslizar em redor dos seus pés. Concentrou-se. Sempre fora capaz de contactar Kels telepaticamente sem qualquer esforço, mas hoje não estava a conseguir. Parecia que Kels a estava a bloquear e isso estava longe de ser normal.

Não devia estar preocupada. Continuava a dizer a si mesma que não devia estar preocupada; Kels era um subaquyl: conseguia mergulhar a grande profundidade, conseguia ficar lá em baixo durante muito tempo. E mesmo assim estava preocupada. Porque, quando chegara à praia, vira Kels à distância e ele fizera-lhe sinal que ia só dar mais um mergulho rápido antes de ir ter com ela. Porque, em todos os anos desde que conhecera Kels, sempre o conseguira contactar telepaticamente, por muito fundo que ele tivesse mergulhado.

O que podia significar que Kels não estava em condições de lhe responder.

Mergulhou. Estava satisfeita por ter mudado de roupa e posto o vestido amarelo antes de descer à praia: era simples e leve e não lhe atrapalhava os movimentos.

Aelanna nadou em direcção à área onde vira Kels pela última vez, mantendo-se debaixo de água, de olhos bem abertos, tentando descobrir qualquer sinal do subaquyl. O problema era que a raça de Kels estava especialmente ao meio envolvente. A coloração azulada da sua pele, que alternava áreas quase brancas com zonas de um azul mais carregado, tornava quase impossível descobri-los debaixo de água. Sob o tipo certo de luz, a única coisa que se via de um subaquyl submerso eram os cabelos e mesmo esses pareciam apenas mais um aglomerado flutuante de algas.

Continuou a nadar enquanto pôde, mas o sal ardia-lhe nos olhos e os pulmões parecia que lhe rebentavam. Acabou por se ver forçada a emergir.

Olhou em volta. Tinha-se afastado um bom bocado da praia e parecia-lhe estar bastante próxima do sítio onde vira Kels submergir. Continuava a não haver qualquer sinal dele.

Inspirou várias vezes de forma lenta e deliberada. Após uma última inspiração, mais profunda do que as anteriores, mergulhou novamente. Desta vez, nadou em direcção ao fundo, que mal conseguia distinguir. Estava na parte mais profunda do estreito que separava Syndel-Ty do continente.

Uma sombra moveu-se debaixo dela. Parecia grande demais para ser um subaquyl e Aelanna lembrou-se de Kels lhe ter dito uns dias antes que tinha visto um therawyd a patrulhar aquelas águas. A ideia dos grandes dentes do peixe carnívoro só aumentou a sua preocupação com Kels.

A sua mão direita procurou inconscientemente o punhal que costumava trazer preso ao braço quando nadava com o subaquyl. Desta vez, no entanto, ela não tinha vindo para nadar e estava desarmada.

Emergiu e inspirou profundamente. Observou a superfície da água, procurando a silhueta peculiar das barbatanas dorsais de um therawyd, mas não viu nada. Esperou um pouco mais. Os therawyd eram peixes estranhos pois, tal como os subaquyls, tinham de vir à superfície para respirarem.

Aelanna abanou a cabeça. Estava a perder tempo. Mergulhou mais uma vez em direcção ao fundo e, desta vez, percebeu que a sombra se aproximava. Era realmente um therawyd.

O animal tinha uma grande cabeça angulosa, quase quadrada, e um corpo cónico que terminava numa cauda em forma de remo. As três barbatanas dorsais tinham bordos denteados e as duas ventrais terminavam numa garra. Os seus olhos estavam divididos ao meio. Kels dissera a Aelanna que a parte de cima via melhor fora de água.

O therawyd parecia curioso em relação a ela, mas não agressivo. Ela prosseguiu a sua busca por Kels e mergulhou ainda mais fundo. O animal seguiu-a na sua descida. A presença da grande criatura deixava-a pouco à vontade, mas o seu receio por Kels era mais forte. Continuava a não haver sinal do subaquyl.

Rapidamente, ela nadou até à superfície. O therawyd emergiu a uma curta distância dela e os seus espiráculos projectaram no ar colunas gémeas de vapor. Depois, o animal começou a nadar lentamente na direcção à elfa, os seus estranho olhos fixos nela.

Ela mergulhou, nadando tão depressa quanto podia. Não queria ficar próximo da superfície: sempre ouvira dizer que os ataques de therawyd eram muito mais ferozes à superfície e que os animais não se davam bem com grandes profundidades. Se

conseguisse mergulhar a uma profundidade suficiente para o fazer afastar-se, depois podia arriscar nadar de volta à praia.

O pior era que os seus pulmões começavam a arder-lhe e continuava a sentir o predador atrás de si. Até que profundidade teria de ir para o fazer desistir?

Uma nova sombra surgiu à sua frente. Poderia ser outro therawyd?

A sombra virou-se e dois enormes olhos fitaram-na. Não eram os olhos de um dos grandes animais. Eram os olhos de Kels. O subaquyl transportava uma enorme braçada de algas.

A voz de Kels soou na cabeça dela.

Aelan-dey, o que fazes aqui? E de vestido?

Então, ele viu o que a perseguia, deixou cair as algas e pegou no arpão que trazia sempre preso às costas. O therawyd parara, aprazando a nova situação.

Aelanna já não conseguia prender a respiração. Arremeteu em direcção à superfície com os pulmões a arder, um aperto no peito e um nó na garganta. Pelo canto do olho, viu o predador virar-se e seguiu-la.

A elfa emergiu, arfando. O therawyd apareceu muito próximo e carregou sobre ela, de boca aberta. Por momentos, tudo o que ela conseguia ver era aquela imensa boca e os terríveis dentes que a preenchiam. Então, outro corpo irrompeu das águas e sangue azul escuro jorrou do ponto em que o arpão de Kels penetrou o couro do animal.

O therawyd virou-se para enfrentar o novo atacante. Movendo-se com rapidez, Aelanna arrancou o arpão do sítio onde ainda estava enterrado e mais sangue tingiu a água. Ela mergulhou enquanto o animal se virava de novo na sua direcção. A garra da sua barbatana esquerda arranhou o braço nu dela e sangue vermelhou misturou-se ao azul.

A elfa nadou sob a barriga da criatura. Conseguia ver as pernas de Kels e que o predador se dirigia novamente a ele. Num movimento fluído, ela ergueu o arpão, enterrando-o no corpo do animal, no ponto em que esperava que o coração estivesse.

O therawyd estrebuchou e afastou-se. Momentos depois, parou de nadar e começou, lentamente, a afundar-se. Aelanna olhou em volta, procurando o seu amigo.

Ele deve ter sentido a preocupação dela porque, antes mesmo que ela pudesse formular qualquer pensamento coerente, Kels assegurou-lhe que estava bem e pediu-lhe para voltar para a praia.

– Descobri uma coisa.

Aelanna nadou de volta à praia e sentou-se numa das rochas planas que separavam o areal dos bosques. Estendeu a saia do vestido em seu redor para que secasse mais depressa, dando graças pelo calor que se fazia sentir.

Um ramo estalou nos bosques atrás dela. Virou-se e observou os espaços de luz e sombra entre as árvores, mas não viu nada. Tentou sondar mentalmente a área circundante, mas estava demasiado preocupada com o amigo para se conseguir concentrar. Em breve o seu olhar regressava às águas tumultuosas.

Kels veio à superfície uma única vez e não lhe disse mais nada. Pelo que conseguira sentir da agitação dele, o subaquyl devia ter descoberto alguma coisa em grande. Possivelmente um navio, dos muitos que se tinham afundado nos estreitos.

Um caranguejo atravessou as rochas a correr e deteve-se junto à fimbria do seu vestido, parecendo querer determinar se aquela estranha substância amarela era comestível. Aelanna pegou nele por uma pinça e lançou-o à água, num gesto largo.

Também tinha havido um caranguejo no dia em que conhecera Kels, muitos anos atrás, quando os dois eram pouco mais do que crianças. Ela tinha vindo para a praia para chorar sossegada, longe das preocupações da mãe e dos olhares reprovadores da avó.

Estava descalça nesse dia e sentara-se exactamente ali, naquelas rochas, olhando o pedaço de mar onde o navio do pai tinha naufragado e sentindo o peito encher-se de nojo e raiva.

O caranguejo aproximara-se dos seus pés descalços, da zona nos tornozelos onde ela carregava as marcas da sua ascendência e estendera uma pinça para lhe tocar. Furiosa Aelanna agarrara no animal, pronta para o lançar para longe. Mas pegara-lhe mal e recebera uma tesourada de uma das poderosas pinças.

– Tens de pegar-lhes pelas pinças, – dissera uma jovem voz vinda do mar. – De modo a que fiquem fechadas e eles não as possam usar.

E fora assim que tinha conhecido Kels.

Ele tinha subido à praia e examinado o dedo ferido dela. E tinha-a levado à beira-mar para que ela lavasse o sangue na água fria. Depois, vira as lágrimas no seu rosto e perguntara-lhe o que eram: os subaquyis não choravam.

E Aelanna, embora tivesse aprendido cedo a calar e a não confiar, contou-lhe tudo. Falou-lhe do pai e da mãe e da maneira como a avó olhava para ela. Falou-lhe das marcas e de como se dava mal com as outras crianças élficas, de como todas elas pareciam saber que ela era diferente, que havia qualquer coisa errada nela, apesar da avó se ter assegurado de que ninguém sabia do seu segredo. Falou-lhe das coisas que queria e das coisas que sabia que não podia ter.

E falou-lhe dos sonhos. Nem a mãe sabia dos sonhos.

Desde aí tinha vindo à praia quase todos os dias para falar com Kels. E por vezes Kels também ia a casa dela, embora menos entre a morte da mãe e a da avó. Os subaquyis não eram o tipo de companhia que a avó aprovasse.

Kels saiu do mar, transportando qualquer coisa, e dirigiu-se a Aelanna.

– Encontrei um barco, – disse. – Estava tão coberto de algas que nunca tinha dado por ele. É muito antigo.

O subaquyl interrompeu-se e dirigiu o olhar para os bosques, como se tivesse ouvido alguma coisa. Aelanna seguiu-lhe o olhar. Uma família de javalis saiu do arvoredo e pôs-se a foçar e a rebolar-se na areia. Kels continuou o que estava a dizer:

– O navio tinha o brasão da tua família na popa.

Aelanna sentiu-se gelar. Seria possível que Kels tivesse encontrado o barco em que o seu pai naufragara? E se fosse realmente isso, o que estaria ainda lá em baixo, depois de todos aqueles anos?

Kels abanou a cabeça.

– Não é o que está a pensar. Este é bem mais antigo. Trouxe-te isto, também tem o teu brasão.

O objecto que o subaquyl pousara sobre as rochas era um velho cofre de metal. Tinha motivos florais a recobrir-lhe a tampa e no centro estava o brasão da casa de Aelan, o ramo mais ancestral da família da sua mãe. A fechadura estava enferrujada e desfez-se assim que ela puxou a tampa.

Dentro do cofre, estava um livro.